

O Centro Português de Fotografia Actuação e conteúdo

O Centro Português de Fotografia foi criado em 1997, pelo Ministério da Cultura, depois de um estudo efectuado, durante cerca de um ano, por uma Comissão de especialistas. Na Lei Orgânica que o orienta, salienta-se o papel de apoio diversificado à fotografia nacional, de promoção do conhecimento e fruição da fotografia internacional, a salvaguarda e ampliação tutelar dos arquivos fotográficos nacionais, da Colecção Nacional de Fotografia e a promoção e reconhecimento internacional da fotografia portuguesa.

Com sede no Porto, no magnífico edifício pombalino da ex-Cadeia e Tribunal da Relação, o CPF desenvolveu, nestes 9 anos, programas expositivos, na sua sede (90) e itinerantes, em Portugal (2002) e no estrangeiro (23), um programa de edições (62 títulos publicados), programas de formação que incluem visitas guiadas, workshops temporários ou ciclos de conferências (970 acções de formação realizadas), uma biblioteca especializada (9.432 espécies), apoios técnicos, atendimento permanente de leitura crítica de portfolios. Em exposição permanente, a colecção de câmaras e outro material fotográfico António Pedro Vicente, a melhor da Península Ibérica (3.630 items). Mas, encontrando-se agora num momento de reestruturação, parece ser a sua vocação arquivística que mais se enfatiza.

Espólios oficiais e particulares: o estado da questão

Ao que se sabe, no nosso país, o coleccionismo fotográfico é recente, conservando-se as provas nas clássicas caixas de sapatos em águas-furtadas húmidas e, surgindo os raros espólios de instituições ou casas fotográficas em momentos de partilha ou recuperação dos edifícios. São igualmente singulares os casos de conservação de matrizes ou provas da imprensa, mesmo ilustrada. Neste sentido, o espólio do jornal “O Século”, jornal que fecha de forma relativamente violenta em 1975, figura como uma excepção, não só porque conservou em relativamente bom estado provas fotográficas coladas em álbuns, legendados e suficientemente explícitos, como por manter parte dos negativos que constituíam o corpo de imagens das suas revistas ilustradas, caso de “A Ilustração Portuguesa”, (1903-1924) e “O Século Ilustrado”. Na “Ilustração Portuguesa” publicou o conjunto mais significativo de imagens o primeiro grande fotógrafo português, Joshua Benoliel, (1873-1932), que foi o responsável pela fotografia da revista entre 1906 e 1918. Foi um fotógrafo com grande notoriedade na época, amigo de grandes personalidades da política e, particularmente do rei Afonso XIII, de Espanha.

O espólio de Benoliel que se conhece, distribui-se hoje, fundamentalmente, pelo Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, com cerca de 5.000 negativos, e pelo Centro Português de Fotografia, com cerca de 9.000.

O Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa tornou de consulta pública o acervo que lhe pertence e que permanece um dos mais importantes arquivos históricos da cidade e do país. Aí se conservam colecções de fotógrafos como Anselmo Franco, (1879-1965), que também foi fotógrafo na Ilustração, José Artur Bárcia, que publicava fotografias em diversas revistas ilustradas, nomeadamente património e retrato de escritores e artistas, Ferreira da Cunha, Anselmo Franco, Mário Novais, Paulo Guedes, Passaporte, Francisco Rocchini, entre outros. O trabalho deste arquivo, no que diz respeito a conservação, digitalização e atendimento público, é verdadeiramente pioneiro e exemplar.

Também a Câmara do Porto possui um arquivo fotográfico que por vezes torna público, expondo um ou outro caso específico, principalmente depois que a Casa do Infante, Gabinete Histórico da Cidade, foi inteiramente renovada. Também aqui está a ser desenvolvido um continuado e rigoroso trabalho de conservação e catalogação das colecções.

A partir dos anos 80, tornando-se mais frequente as diversas cidades do país possuírem a sua Casa da Cultura ou sala de exposições na biblioteca ou museu municipais, definiram-se e tornaram-se públicos os seus espólios, por vezes acrescentados por colecções privadas de fábricas extintas; assim aconteceu, por exemplo com o Museu Abade Pedrosa de Santo Tirso, que organiza regularmente mostras fotográficas alheias e, ainda, do seu próprio arquivo. O Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, recentemente surgido, reúne diversas colecções de inegável interesse.

Este tipo de arquivos são quase sempre de importância regional e à espera de uma organização e conservação adequada; mas é indiscutível que os organismos do Estado, (Câmaras municipais, museus, casas da cultura, Companhias como a dos Caminhos de Ferro Portugueses, dos portos de Lisboa e dos Portos de Douro e Leixões, Correios, Telégrafos e Telefones, o Automóvel Club de Portugal, universidades ou hospitais) se habituaram a promover a salvaguarda dos espólios e, sempre que possível, a tornar pública a sua existência.

Os espólios fotográficos não se conservaram apenas através de provas soltas, (originais, cópias ou gravuras e fototípicas), chapas de vidro ou outros negativos, mais comuns nos arquivos da imprensa e das casas fotográficas, mas fundamentalmente através de álbuns com colecções temáticas ou álbuns de família e postais. Colecções imprescindíveis destas espécies encadernadas encontram-se, por exemplo, no Museu da Cidade de Lisboa, (com álbuns de Rocchini, Fillon, Bobone, Arnaldo da Fonseca, Carlos Vasques ou Camacho). A Biblioteca Nacional possui uma enorme colecção de postais e a maior colecção de exemplares da imprensa portuguesa, o que permite a identificação de fotografias.

Há, naturalmente, outros espólios oficiais, como o da Biblioteca da Marinha, (colecções de imagens sobre a I Guerra Mundial, p.ex.), o riquíssimo acervo da Sociedade de Geografia ou do Instituto Ultramarino, mas o mesmo não se pode afirmar de espólios ou espécies privadas.

De facto são praticamente desconhecidos importantes arquivos fotográficos de particulares. Por vezes, quando de uma inauguração que remete para a figura do património particular, (caso da inauguração de um centro comercial do grupo Sonae, que se desenvolveu a partir de uma histórica fábrica, a Empresa Fabril do Norte), torna-se pública a existência de um dado espólio, porque é incluído, no todo ou na parte, em mostras representativas da efeméride. Algumas colecções de equipamentos industriais que têm surgido, produzidas, por encomenda, pelas maiores casas fotográficas do país, estão hoje nos arquivos de Lisboa e do Porto, tutelados pelo Centro Português de Fotografia.

Há também colecções e espólios privados, mas são pouco publicitados. Sabe-se mesmo de colecionadores de fotografia arqueológica que não querem ser citados, mas começam a surgir entidades privadas a comprar colecções da fotografia portuguesa contemporânea. No entanto, quando é colocada à venda uma importante colecção ou espécies de fotografia portuguesa, nomeadamente a arqueológica, o vendedor é muitas vezes estrangeiro.

O Centro Português de Fotografia e os Arquivos Fotográficos de Lisboa e do Porto

Os acervos fotográficos dos dois arquivos, Lisboa e Porto, organizaram-se a partir de colecções que se encontravam à guarda de vários organismos de Estado, e de outras que foram sendo adquiridas, doadas ou negociadas. Incluem provas fotográficas originais, negativos e diapositivos.

No Arquivo Fotográfico de Lisboa salienta-se a colecção de “ O Século” (cerca de 171.500 espécies), constantemente solicitada para artigos e obras de História e Política; no Porto, a Colecção da Casa Alvão (109.371 espécies), que atravessou a monarquia, a República e o Estado Novo, com êxito assegurado para as grandes encomendas nacionais, (exposições internacionais, nacionais, revistas de turismo) e

com um lugar primeiro nas encomendas privadas dos empresários e na fotografia artística, (são de Domingos Alvão e do seu estúdio as mais conhecidas e divulgadas fotografias pictorialistas do país).

Em números totais, o Arquivo de Fotografia de Lisboa tem à sua guarda, presentemente, 1.911.555 espécies. O do Porto, muito mais pequeno, 313.841.

O Centro Português de Fotografia tem também sob sua responsabilidade a Colecção Nacional de Fotografia, que ultrapassa as 5.000 espécies. É uma colecção internacional de fotografia (iniciada em 1989 por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e inicialmente comissariada pelo Professor Doutor Jorge Calado), atravessando horizontalmente a História da Fotografia, a partir de Fox Talbot (representado apenas com uma imagem). A espécie fotográfica mais valiosa é um daguerreótipo de 1848, de chapa inteira, que representa o Palácio da Pena, em Sintra, do fotógrafo Cifka, que acompanhou o rei D.Fernando de Saxe-Coburgo, quando do casamento daquele com a rainha D.Maria II. A Colecção Nacional de Fotografia inclui um numeroso conjunto de imagens do património português, de autor anónimo, do início dos anos 1860's; dessa altura é também o primeiro levantamento fotográfico do património artístico (Revista Pittoresca e Descritiva de Portugal com vistas photographicas, Imprensa Nacional, Lisboa, 1862), efectuado pelo arquitecto Joaquim Possidónio Narciso da Silva, que iria fundar a primeira Sociedade de Arquitectos no país.

O sector da fotografia arqueológica é completada com imagens dos grandes fotógrafos da segunda metade do século XIX, Rocchini, Fillon, Fritz, Henrique Nunes, Carlos Relvas, Emílio Biel, Bobone, Vasques, Cunha Moraes, ou, já na transição para o século XX, Aurélio da Paz dos Reis, Domingos Alvão, entre muitos outros.

Porque no último quartel do século a fotografia portuguesa tem um desenvolvimento notável, o que, de certo modo, é representado pela realização da 1ª Exposição Internacional de Fotografia no Porto (1886), que é a primeira exposição a efectuar-se na Península e na qual o primeiro prémio do Concurso entre fotógrafos foi ganho por um fotógrafo espanhol, Eduardo Debas, premiação muito polémica por reclamação de uma grande casa fotográfica do Porto, a União.

A Colecção Nacional de Fotografia foi ampliada, preferentemente, com fotografias de autores portugueses, pelo que consegue representar satisfatoriamente o século XX fotográfico: autores do Salonismo academista, com vagos apports do Modernismo e, depois, do Humanismo, situação de desenvolvimento do apuro técnico e de um formalismo extremo na utilização da luz, e ainda uma passagem breve, mas notável, pelo surrealismo, (1949), com Fernando Lemos.

Nos finais de 50 e durante os primeiros anos da década seguinte surge a primeira reacção ao Salonismo, (o surrealismo era contra a arte em geral e o Estado Novo em particular) a partir da exposição e publicação do trabalho inovador de Vítor Palla e Costa Martins, arquitectos à descoberta da forma de interpretar Lisboa, com "Lisboa, Cidade Triste e Alegre", a primeira apropriação pela fotografia de uma afirmação de Fernando Pessoa. Trata-se de um trabalho sem filiação directa na fotografia europeia ou americana do momento, (Cartier-Bresson desenvolvia o "momento decisivo" e Robert Frank "fazia" "Os Americanos"), mas tão decisiva que não teve paralelo. Mas é o tempo do bressoniano Gérard Castello-Lopes, de Carlos Afonso Dias, de Carlos Calvet, mais tarde de Jorge Guerra, autores que estão largamente representados na Colecção.

A liberdade cultural e de afirmação dos anos 70, após a revolução do 25 de Abril, acabaria por fazer recuperar estes e outros fotógrafos e criar as condições da renovação fotográfica. Muito cedo vão afirmar-se Jorge Molder, Paulo Nozolino, a artista plástica Helena Almeida. José Manuel Rodrigues regressa da Holanda, Jorge Guerra do Canadá, os muito jovens que se apresentaram nos Encontros de Coimbra constituem a então, - nos anos 80 –novíssima geração, Inês Gonçalves, Mariano Piçarro, Daniel Blaufuks, José Maças de Carvalho, Bruno Sequeira, José Afonso Furtado. Os anos 90 ensaiam trabalhos em vídeo e, claramente, destaca-se Augusto

Alves da Silva. Com o aparecimento das escolas de fotografia, fotógrafos novos competem com os reformadores, não pensando já em reformas: Aníbal Lemos, Duarte Belo, Pedro Letria, Paulo Catrica. Estão, naturalmente, presentes na colecção do C.P.F.

Mas o terceiro milénio trouxe outros fotógrafos, que já começam a internacionalizar-se e talvez, ainda, outras caixas de sapatos se esvaziem.

Teresa Siza